

Título

Rapsódia sem dó (maior)

Autora

Luísa Marques da Silva

Todos os direitos reservados ©2015 Luísa Marques da Silva

Capa Invisível

Homem Invisível

1ª edição on-line desta versão

Lisboa, Outubro de 2015

WNFE

<http://wnfe.my-free.website>

Esta edição pode e deve ser distribuída por todas as alminhas que a quiserem ler.

Comentários, em especial os porreiros, podem ser enviados para wnfe@sapo.pt

Gravação número 1 de Mia Torres:

Doravante, as variáveis HUM, ORC, MIN e ELF denotarão os seguintes indivíduos: HUM: João Torres, Humano, sexo masculino, 11 anos.

ORC: Miguel Torres, Orc, sexo masculino, 6 anos.

MIN: António Torres, Minotauro, sexo masculino, 14 anos.

ELF: Helena Torres, Elfo, sexo feminino, 13 anos.

Excerto de um relatório de Luís Torres:

Foi-me comunicado que fosse para o Algarve passar o fim-de-semana. Dado que não tiro férias há exactamente quatro anos e seis meses, interpretei esse pedido como sendo vosso desejo que descansasse um pouco, pelo que aproveitei para levar a família comigo. Devido aos acontecimentos que relato abaixo, pedia que me informassem ****explicitamente**** se alguma vez decidirem conceder-me realmente férias, pois o que se passou em Tavira pôs em perigo a vida da minha mulher Mia e dos meus filhos António, Helena, João e Miguel, e isso é algo que não pode voltar a acontecer.

Excerto da redacção de João Torres:

O meu Pai Luís é jornalista privado. De um ricaço tenebroso. Viaja por todo o mundo. Sempre em cima “DOS” acontecimentos. Alguns aparecem no telejornal. Outros não. O ricaço tenebroso sabe sempre para onde o enviar. Mesmo antes das coisas aquecerem. Mesmo antes de terremotos. Mesmo antes de navios se afundarem. Mesmo antes de aviões explodirem. Acho que é um Deus qualquer. Ou pelo menos um semi-Deus.

A minha Mãe Mia é socióloga. Está a fazer doutoramento. Sobre a adopção de crianças potencialmente incompatíveis (como ela diz). Depois do meu nascimento, os meus Pais adoptaram um Minotauro poeta (o António), uma Elfo histérica (a Helena) e um Orc fanático por Legos (o Miguel). E agora... aquilo. A minha Mãe está sempre a estudar-nos. Ou então a abraçar-nos.

Vou agora contar a nossa última aventura. Aconteceu no Algarve.

Gravação número 25451 de Mia Torres:

No contexto da nossa partida para o Algarve, pedi a HUM, MIN, ORC e ELF que levassem bagagem mínima e pude constatar que: a) as escolhas de cada um são perfeitamente representativas dos traços mais marcantes das

suas personalidades; b) a obediência demonstrada por cada indivíduo contraria, em alguns casos, o expectável definido com base nos estereótipos associados a cada raça. As minhas asserções baseiam-se nas observações que se seguem:

- HUM desejava levar os seus livros do Jovem Sherlock Holmes e os Harry Potters. Consegui demovê-lo em três minutos e vinte segundos (leva um de cada).

- ORC desejava levar três caixas de Legos. Consegui demovê-lo em trinta minutos, nos quais se incluem vinte e cinco de castigo no canto (leva um avião e está com sorte, pois enquanto esteve no canto roeu o rodapé).

- MIN desejava levar um best-of do António Gedeão e vinte quilos de costeletas de porco. O primeiro pedido foi aceite; quanto ao outro, consegui demovê-lo em dois segundos, o tempo de lhe explicar que no Algarve existem talhos.

- ELF desejava levar o Magalhães e a Wii. Impossível de demover.

Excerto de um post de Helena Torres no facebook:

Alguém tem um irmão para a troca? O meu irmão Miguel enjoa quando anda de carro. Já imaginaram vomitado de Orc numa viagem de Lisboa ao Algarve?

“Fim de semana em família” por António Torres:

Tavira e a sua ria,

Formosas em adjectivo e nome.

O meu Pai Luís e a minha Mãe Mia,

Torres em apelido e cognome.

Os meus irmãos de todas as raças,

Por vezes chatinhos com’ó caraças,

Todos juntos num apartamento magnífico,

Com um bem atestado frigorífico.

Amanhã, vamos à praia, bem cedo,

Desafiar o frio de rachar,

Vencer relâmpagos de fazer medo,

Combater o vento glacial.

Amanhã, contra um Janeiro com chuva a potes,
Caminharão as nossas hostes!

Excerto da redacção de João Torres:

Quase de madrugada, arrancámos para a praia do Barril. Foi lá que se conheceram os meus Pais. O comboio estava em reparação. Fomos a pé. À chuva. A Helena não parou de reclamar. O António comeu todas as suas sanduíches. Comeu também as da minha Mãe. Comeu também as do meu Pai. Depois levou o Miguel aos ombros. Os meus Pais iam de mão dada.

Quando lá chegámos parou de chover. Mas o céu continuou cinzento. Cinzento escuro. Nem um raio de sol. A praia estava deserta. Estendemos as toalhas (molhadas), na areia molhada. Ficámos a ver o mar. Foi fixe. Até a Helena se calou. Por um bocado. Achei que iam aparecer o Nemo e o Náutilus a todo o momento. Não estive muito longe.

Excerto do relatório de Luís Torres:

Não foi a primeira vez que me deparei com alienígenas. Mas foi a primeira vez que me deparei com uma situação potencialmente perigosa tendo a minha família presente. Dado este facto, a política do não interferir, que tenho sempre seguido escrupulosamente nas minhas missões de jornalista independente, não podia estar na minha base das minhas acções.

A primeira nave despenhou-se a menos de cem metros, no mar, pouco depois de Mia se ter dirigido à zona comercial, para ver se havia algum café aberto, com Miguel (que precisava de ir à casa de banho) e com Helena (que queria pentear-se). O primeiro engenho surgiu a tal velocidade que só quando embateu brutalmente na água é que nos apercebemos da sua presença.

Ficámos uns segundos em choque, a olhar para as ondas a bater no seu metal, quando surgiu a segunda nave. Mais uma vez tivemos a sensação de que vinha do nada. Ficou a pairar sobre a nave encalhada e antes que tivéssemos tempo de reagir, começou a disparar sobre esta, que imediatamente ripostou.

Foi nessa altura que arrastei o António e o João para trás de umas dunas, o local mais próximo que oferecia algum esconderijo. Tentei ligar a Mia, mas não tinha rede. Assustado e impotente, assisti à batalha que se desenrolava, tão próxima. Passados uns segundos, a segunda nave parecia estar a vencer, pois a primeira já não disparava.

Gravação número 25465 de Mia Torres:

Durante o nosso fim de semana no Algarve, deparámo-nos com uma violenta escaramuça extra-terrestre, a poucos metros do sítio onde nos encontrávamos. Com base nas observações que descrevo abaixo, constato que ORC e ELF têm uma noção muito pouco amadurecida do conceito de perigo.

- ORC mostra-se assustado e esconde-se atrás de mim. Pego-lhe ao colo e acalma-se quando lhe dou um reбуçado. Na verdade, fica de tal maneira calmo e focado no reбуçado que me ponho a pensar se chegou a estar realmente assustado.

- ELF aproveita a minha distração e corre de telemóvel em punho, a filmar, em direcção ao acontecimento, que se desenrola muito próximo do local onde deixei o Luís e os miúdos, que consigo avistar escondidos atrás de umas dunas. Temo pela sua segurança.

Tweet de @ElfaGira

YES! Bom demais: 2 naves espaciais em guerra! Vejam o vídeo <AQUI>!
#war #alien

“Tonta Helena” por António Torres:

E vejo que a bela e pequena Helena,
Corre para o perigo com o telelé em riste.
Tão tonta que até dá pena.
Para além de assustado, fico triste.

Tudo faço para a salvar,
Mas quando chego ao pé dela,
Continua, louca, a filmar.

Dou-lhe uma sacudidela.

Olha-me com assombro.

Pego-lhe ao colo e parto com ela ao ombro.

Excerto da redacção de João Torres:

O meu Pai ralhou com a Helena. Chamou-lhe inconsciente. A Helena amuou. Entretanto, a nave vencedora decidiu aterrar. Exactamente no espaço entre nós e a minha Mãe. Quando percebeu onde iam aterrar, o António desapareceu em direcção aos cafés. É mesmo herói o meu irmão Minotauro! Passou por baixo da nave e foi salvar a minha Mãe e o meu irmão Miguel. Quando o Pai reparou, quis ir atrás dele. Mas foi impedido por um casal. Apareceram de repente. Magros. Altos. Loiros. Disseram-nos para não fazer barulho. E para os seguirmos. Viviam numa duna. Exacto: numa duna. A dois metros. Impossível detectar que aquela duna era uma casa. Explicaram-nos que o enquadramento paisagístico os preocupava. Não tive dúvidas de que eram Elfos das Dunas. Ou então eram dois dos Abba.

Gravação número 25473 de Mia Torres:

Na situação que descrevo, estou com ORC e MIN (que se nos juntou), a observar uma nave espacial a aterrar muito perto do sítio onde nos encontramos. Para meu horror, dela sai uma dezena de gafanhotos gigantes. Marcham como nós e têm para lá do metro e oitenta. Noto ainda, já apavorada, que também têm dentes de vampiros. Sem conseguir controlar o pânico na voz, informo MIN que os cafés estão todos fechados e que não temos sítio para fugir.

A observação dos seguintes comportamentos permite-me reforçar a minha nota anterior de que a semântica da palavra “perigo” é desconhecida para ORC, para além de me permitir afirmar que MIN é, no seu mais íntimo, um guerreiro:

- ORC come o seu rebuçado e brinca com o seu avião de Legos.
- MIN mantém o seu ar calmo habitual. No entanto, pega em ORC ao colo e rebenta a porta de um estabelecimento comercial, com um aparentemente ligeiro pontapé. Entramos numa sala com um grande balcão, uma dúzia de

mesas e cadeiras, uma Jukebox e muito pó. MIN conduz-nos, decidido, para uma arrecadação, nas traseiras do café, onde se encontram vários caixotes e uma mesa velha; vira-a ao contrário e parte-lhe uma perna sem qualquer esforço. Está pronto para lutar.

Não posso deixar de pensar que nunca me tinha ocorrido que o meu doce e pacífico filhinho poeta fosse também um lutador.

“O Minotauro e o monstro” por António Torres:

Naqueles momentos de tensão,
Não percebo bem o que me aconteceu.
Só sei que eu,
Sem necessidade de reflexão,
Sabia exactamente como destruir,
Os gajos que nos estavam a invadir.
E o pior é que até achei que ia ser giro,
Dar cabo dos gafanhotos-vampiro.

Excerto do relatório de Luís Torres:

Os incríveis Dirck van Marnix e a sua mulher, Agatha, levaram-nos para sua casa, onde estávamos em segurança. Eu queria ir ter com Mia e restantes miúdos, mas eles explicaram-me que conheciam um caminho discreto, que partia das traseiras da residência e que seguia, entre as dunas, até aos cafés, resultando numa travessia menos perigosa. Apesar de apoquentado por desconhecer a situação exacta da minha mulher e de dois dos meus filhos, e por saber-nos próximos de potenciais inimigos de outras galáxias, desfrutei por uns minutos de um espaço que poucos têm o privilégio de conhecer, pelo que aproveitei para descrever o fascínio que me despertou a casa destes Holandeses incríveis. Completamente integrada na paisagem, o interior é constituído por meia dúzia de divisões, cuidadosamente escavadas na areia, espartanas, mas, ainda assim, acolhedoras. Nelas não se encontram plásticos; nada de televisões ou computadores; não identifiquei uma única peça do IKEA. Todo o mobiliário parecia ser artesanal, construído a partir de matéria prima variada. No Anexo A poderão encontrar uma

descrição detalhada da localização, arquitectura e mobiliário da casa dos van Marnix. Pedia, claro, que esta informação seja mantida secreta.

Encontrámos mais umas seis pessoas naquela casa, todas com a mesma tez bronzeada, ar calmo e saudável. Ninguém diria que estavam duas naves espaciais no exterior.

Excerto da redacção de João Torres:

Helena quis ficar na casa dos Elfos Marnix, porque a Agatha se ofereceu para lhe fazer um tereré. O meu Pai e eu seguimos pelo caminho secreto das dunas. Os Elfos ensinaram-nos. Fiquei à espera de ter de fazer um pacto de sangue para ter essa informação. Mas não foi preciso.

Continuava a não haver um único raio da Sol. Parecia quase noite. Tive medo de pôr o pé num verme das areias ou de cair em areia movediça.

Entretanto, ouvimos uns barulhos esquisitos. O meu Pai achou que era a minha Mãe. Avançou uns metros. Mas eu desconfiei. Achei que deviam ser monstros. Ou ninjas. Ou devoradores da morte. Escondemo-nos atrás de um caixote de lixo. Mesmo a tempo. Afinal eram uns gafanhotos enormes. Uns dez. Com dentes de vampiro. E umas armas esquisitas à cintura. Pararam à frente de um café que tinha a porta toda rebentada. Entraram. Baptizei-os de Gafas.

Excerto do relatório de Luís Torres:

Não consegui identificar aquela espécie. Sem um mínimo de rigor científico, apenas posso dizer que o que me ocorreu na altura foi que tais criaturas pareciam saídas do filme Distrito 9. No anexo B poderão consultar uma descrição detalhada das características que lhes pude observar e que talvez vos permitam localizá-la no vosso mapa espaço-tempo.

Preocupado por não ver a minha mulher e filhos em lado nenhum, optei por tentar ligar a Mia. Para grande alívio, tinha finalmente rede.

Gravação número 25479 de Mia Torres:

Ainda no quadro do fim de semana no Algarve, encontrámo-nos numa situação dramática, escondidos num café de praia abandonado, em risco de sermos capturados por extra-terrestres, dado que estes acabaram por entrar

no estabelecimento onde estávamos escondidos. As observações que relato permitem-me corroborar afirmações anteriores, onde se incluem a de que ORC não deve muito à higiene. São estas:

- ORC comia o que pensei originalmente ser um reбуçado e que depois percebi ser uma barata; enquanto trincava o bicho, continuava a brincar com o seu avião de Legos, como se estivesse no seu quarto.

- MIN tinha os músculos tensos e, encostado à porta, escutava o que se passava do outro lado. Estava, sem dúvida nenhuma, preparado para a luta. Foi quanto a porra do meu telemóvel se lembrou de tocar.

Excerto de um post do blog de Helena Torres:

Não foi fácil escolher as cores das linhas porque não se via muito bem. Tive receio de ficar foleira, mas claro que consegui ficar ainda mais gira.

Podem ver um vídeo a explicar como se faz um tereré <AQUI> (é canja).

Gravação número 25502 de Mia Torres:

Novas provas de que terei que ter urgentemente uma conversa com ORC sobre higiene e hábitos pouco saudáveis e socialmente condenáveis, e de que MIN é um combatente de corpo e alma: mal o telemóvel tocou, MIN empurrou-me a mim e a ORC para trás dos caixotes, onde se escondeu também. No chão ficou o avião de ORC que não se apercebeu de que tinha deixado para trás um dos seus objectos mais queridos, pois entretinha-se agora a analisar os bicharocos que se encontravam no nosso novo esconderijo. A porta da arrecadação abriu-se e penso que fui a única que estive à beira do colapso nervoso, enquanto o raio do gafanhoto-vampiro fazia a vistoria da divisão. A nossa sorte foi não ter acendido a luz e a pouca que entrava na janela ter permitido que nos mantivéssemos na penumbra. Nesses minutos, muito tensos: a) ORC comia, deliciado, as aranhas que encontrava; b) MIN esperava, pacientemente, que o gafanhoto se fosse embora, preparado para o atacar com o pé da mesa, se fosse caso disso.

Foi quando começámos a ouvir (a ouvir? Nem quis acreditar!) a Marisa. Quase saltei com o susto. Aqueles tontos tinham conseguido pôr a Jukebox a funcionar! E, na realidade, a voz maravilhosa de Marisa salvou-nos a vida!

Curioso, o repugnante insecto virou as costas e preparou-se para partir. Foi quando reparou no avião de ORC, caído no chão, ao lado da porta. Apanhou-o e saiu.

Excerto da redacção de João Torres:

Ouvimos fados e aproximámo-nos do café. Espreitámos por um janela. Os Gafas estavam muito agitados. A conversar. Todos aos mesmo tempo. Numa linguagem de grilo. Deviam falar da música. E de cerveja. É que um deles estava a beber cerveja. Fiquei à espera que a sua cabeça explodisse. Mas não aconteceu. Os outros foram também beber. Só que havia pouca cerveja. Acabou e chatearam-se. Começaram a empurrar-se. Um puxou da arma estranha. Reduziu dois outros a nada. Depois outro disparou sobre esse. Também o desfez em pó. Depois outro disparou sobre este. A seguir apontou a arma aos outros. Lá sossegaram, os Gafas.

Excerto do relatório de Luís Torres:

Devo dizer que fiquei deveras surpreendido quando os vi acalmar, pois após terem eliminado à queima roupa quatro dos seus elementos, não pensei que voltassem a apresentar tal condição de serenidade. Conversaram na sua linguagem estranhíssima e saíram do estabelecimento. Para meu grande deleite, dirigiram-se à nave, o que me deu esperanças de ter algum tempo para procurar Mia e os miúdos, e de os levar para porto seguro. Infelizmente, Helena já tinha acabado de fazer aquela coisa no cabelo e dirigia-se ao nosso encontro. Pior, vinha a ouvir música, provavelmente aos berros (apesar de todos os meus esforços, quase diários, para lhe tentar explicar que a música muito alta dá cabo de uma funcionalidade importante – a audição), pelo que só se apercebeu da presença das criaturas quando praticamente lhes caiu nos braços (ou nas patas, para ser preciso). Foi também nesse momento de pânico que observei, com grande horror, o avião de Legos do meu filho Miguel nas mãos (ou nas garras para ser mais exacto) de um dos alienígenas. Se me for permitido expressar uma emoção, devo confessar que senti uma angústia enorme.

Excerto de um post de Helena Torres no facebook:

Nem queria acreditar: à minha frente uns insectos bué nojentos, com uns dentes dignos de figurar no Twilight. Por momentos tive pena deles, por serem tão feios. Infelizmente não tive tempo de lhes tirar uma foto, porque apontaram umas armas na minha direcção e achei que era melhor gritar imenso e fugir ao mesmo tempo.

“Corre Helena” por António Torres:

Saímos do café sorrrateiramente,
Apesar do perigo já não parecer iminente.
Mas outros sustos estavam para vir,
E não tivemos tempo de descontraír.
É que vi o meu Pai e o meu Irmão João,
Correr atrás dos bicharocos.
Primeiro, achei que estavam loucos,
E nem quis acreditar na cena.
Depois apercebi-me com aflicção,
Que os insectos corriam atrás de Helena.

Excerto da redacção de João Torres:

Nunca pensei que a Helena fosse TÃO Legolas. A diferença era que gritava histericamente. Mas acho que isso até a tornava mais assustadora. Conseguiu desviar-se de todos os tiros. Conseguiu pôr os bichos a disparar uns sobre os outros. Conseguiu dar um mortal para trás. Subindo uma parede. Conseguiu espetar um velho pauzinho de Perna de Pau no cérebro de um Gafa.

De repente, vindos não sei de onde, o Miguel e o António também atacaram. O Miguel agarrou-se às pernas do Gafa que tinha o avião. Deu-lhe dentadas no braço até ele largar o Lego. Depois apanhou as peças que se tinham soltado e foi reconstruir o avião. O António acabou com esse Gafa. Com um grande soco. Depois usou o corpo dele como arma. Derrubou outro Gafa. E outro.

Vi a minha Mãe ao longe. Estava a falar para o seu gravador. Parou por uns segundos. Pegou numa pedra. Fez pontaria. Acertou na cabeça de um Gafa que ia disparar sobre o meu Pai. Em cheio. Fiquei impressionado.

Também tive a minha oportunidade de brilhar. Um Gafa caiu-me aos pés. Lembrei-me daquele golo do Figo. No Europeu de 2000. Dei-lhe o meu melhor pontapé. A cabeça foi parar dentro de um caixote de lixo. João 1, Gafa 0.

Excerto do relatório de Luís Torres:

Se a segurança dos meus filhos não estivesse em causa, teria certamente conseguido ser mais objectivo nas minhas acções. No entanto, como Pai de família, cabia-me a mim a missão de defender os meus jovens e frágeis filhos, pelo que me lancei imediatamente na batalha contra os terríveis insectos. Comecei com um uppercut de fazer inveja ao Mike Tyson, que quase lascou o dente à minha primeira vítima. Um segundo soco, mais ao estilo Muhammad Ali, fê-lo ficar a olhar para mim, com um ar abananado. Preparava um elegante back kick para arrasar com a fera quando me apercebi que esta apontava a arma na minha direcção e estava pronta a disparar. Já via a vida a andar para trás quando, subitamente, a criatura tombou à minha frente. Certamente o efeito, algo retardado, dos meus socos poderosos.

Gravação número 25505 de Mia Torres:

Esta disputa veio provar a minha hipótese científica: um conjunto de crianças aparentemente incompatíveis, inserido numa verdadeira família – que deixa espaço à evolução dos traços pessoais de cada indivíduo e lhes fornece uma boa educação de base, regras precisas e muito carinho – consegue estabelecer laços familiares muito fortes e operar como um grupo coeso. Esta pequena batalha veio confirmá-lo: o trabalho de equipa das crianças parecia coreografado. Todos contribuíram para o mesmo objectivo – arrasar com os gafanhotos-vampiro –, até o pequeno Miguel. Conscientes dos pontos fortes e das fraquezas de cada um, organizaram-se com espontaneidade, de modo a tirar o melhor partido das diferentes possibilidades individuais e, ao mesmo tempo, minimizar os calcanhares de Aquiles existentes.

Penso que a minha hipótese fica assim provada e não há maneira de a refutar.

Excerto de um post de Helena Torres no facebook:

Acreditam que no melhor da batalha, a porra de um raio de Sol veio estragar tudo? Um raiozinho ridículo e os tipos dissolvem-se em pó! Todos aos mesmo tempo. No mais divertido da festa. Se vivêssemos no Norte da Europa, estas coisas nunca aconteciam. Maldito Sol. Bahhh.

Excerto de uma poesia de António Torres:

Depois da tempestade,
Vem a bonança
E a necessidade
De encher a pança.

Descobri trinta latas de salsichas de galinha,
E setenta de sardinhas em azeite.
Comi-as todas numa tigelinha,
Com grande deleite.

Excerto de um mail de Helena Torres para uma amiga:

Nem imaginas: ficámos à espera que o António DEVORASSE o café!! Até à última migalha!! Às vezes, acho que ele é como os brontossauros que tinham de comer todo o dia para alimentarem aqueles corpinhos... É que o António tem quase dois metros e pesa mais de cem quilos. Ah... e ainda está em crescimento. ☺ Para teres uma boa ideia de como ele é: costuma riscar o tecto da dispensa com os cornos (o que deixa a minha Mãe completamente FURIOSA). LOL!

Excerto da redacção de João Torres:

Voltámos à praia. Para recolher as toalhas. Apanhámos um susto. Estavam lá três criaturas azuis. Entre o Estrunfe e o Na'vi.
Na verdade, eram muito parecidos com os Na'vi. Mas tinham um nariz de batata. Também tinham um pompom no rabo. Usavam um chapéu branco. Alto. Como os Estrumpfs. Eram mais atarracados que os Na'vi.
Havia um ser do sexo masculino. Um do sexo feminino. E um bebé. Não era preciso falarmos. Percebíamos o que queriam dizer. Ouvia-se nas nossas

cabeças. Disseram que vinham em paz. Aproximaram-se. Puseram o bebé nos braços da minha Mãe. Queriam deixar o seu bebé no nosso planeta. Eram como os cucos.

Excerto do relatório de Luís Torres:

Esclareceram-nos que, normalmente, as crias eram deixadas em ninhos relativamente próximos. No entanto, dado que o seu planeta estava em guerra, tinham optado por procurar um local seguro numa vizinhança de maior raio. Vi a minha mulher empalidecer. E senti-os a comunicar, num discurso literalmente surdo. Mia estava chocada, pois não compreendia como se podia abandonar um filho.

Replicaram que estava na sua natureza, que assim agiam desde que se lembravam de existir. Explicaram-nos que procuravam Portugal – o seu computador indicara-o como um dos melhores países da Terra para se viver, apesar dos seus habitantes não se darem verdadeiramente conta disso. Infelizmente, tinham-se enganado nas coordenadas e tinham ido parar ao planeta dos gafanhoto-vampiro, que os tinham perseguido. Afirmaram que, de qualquer modo, não estavam realmente a abandonar o bebé, pois voltavam sempre, cinquenta anos depois, para reencontrar o filho, inteirar-se da vida que levava e aprender com ele novos hábitos, novos costumes, novos valores. Asseguraram-nos que escolhiam cuidadosamente o agregado familiar onde iam deixar os descendentes. E que nós éramos os escolhidos.

Olhei para Mia e estupidamente comentei que era como deixar um filho na creche, mas por cinquenta anos. Mia, olhou para mim muito séria. Depois, subitamente, sorriu.

Gravação 25510 de Mia Torres:

Os comportamentos que descrevo permitiram-me concluir que as crianças estão abertas a novas experiências. Foram estas as suas reacções à possibilidade de terem um novo irmão:

- HUM, curioso, tenta espreitar a carinha do bebé que tenho nos braços.
- ORC continua a comer os chupa-chupas e sorri-me (tomo nota de que ORC precisa urgentemente de ir ao dentista).
- MIN põe-me, carinhosamente, uma mão no ombro (e quase me desloca a omoplata). Chama-me a atenção para o problema que vai ser inserir esta criatura no serviço social português. Depois encolhe os ombros e também me sorri.
- ELF olha-me com aqueles grandes olhos profundos, nos quais leio mais um incentivo para avançar.

Excerto de um post de Helena Torres no facebook:

Nem queria acreditar na minha Mãe! Fiquei tão chocada que nem tive tempo para lhe dizer que se fosse uma rapariga, eu não estaria disponível para partilhar o meu quarto, nem a minha roupa, nem as minhas maquilhagens. Grrr. ☹

E tenho a certeza de ter ouvido os dois tipos azuis darem uma gargalhada, quando se foram embora.

Excerto de uma poesia de António Torres:

Mais um jovem irmão para brincar,
Nesta família tão animada.
Mas tenho de confessar,
Que o que queria mesmo era dar-lhe uma dentada.

Mas bem sei,
Que tal nunca farei!
Pois o meu pequeno novo irmão,
Ocupa já um lugar no meu coração.

Excerto da redacção de João Torres:

Ficámos assustados quando descobrimos que largava pêlo do pompom do rabo. Também ficámos assustados quando vimos que tinha sete dedos gordos. Com garras. Afiadíssimas. Em cada mão.

A minha Mãe explicou que só saberemos se é uma rapariga ou rapaz aos três anos. Agora tem só dois meses. Mas já corre por todo o lado. Gosta de comer algodão. E plástico. O Miguel anda desesperado. Já lhe desapareceram muitos Legos.

De resto, até é porreiro. Ando a tentar ensiná-lo a ler. Começámos pelo Senhor dos Anéis.